

2º Domingo depois de Pentecostes

Próprio 7

1ª leitura (Antigo Testamento) Jó 38: 1-11, 16-18

O livro de Jó é um escrito de sabedoria ou sapiencial. A sabedoria de Jó, assim como a de Eclesiastes, é diferente daquela apresentada por Provérbios. Von Rad chama a sabedoria de Jó e Eclesiastes de "Sabedoria Teológica" (*Teologia do AT, ASTE, 1973; p. 414*) porque ela se dedica a discutir "verdades teológicas" consagradas em alguns círculos sacerdotais ou sapienciais. O livro de Jó discute a "teologia da retribuição" que era popular em Israel. Essa teologia afirmava que todo sofrimento era fruto do pecado. A afirmação presente nos dez mandamentos: "porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira geração daqueles que me aborrecem" (Ex 20:5b e Dt 5,9b) expressa bem o sentido desta teologia da retribuição que acredita que o pecado dos pais e mães poder vir a ser pago (na forma de sofrimento) pelos seus filhos/as. Ezequiel (18,1-5) e Jeremias (31,29) serão os primeiros a se opor a esta teologia afirmando categoricamente que não se pode culpar o/a filho/a pelo pecados das gerações anteriores. No entanto, ambos continuavam a acreditar que cada pessoa sofre pelo seu pecado mantendo a teologia da retribuição no nível pessoal.

Jó dará um passo à frente na discussão da teologia da retribuição colocando o problema do sofrimento do justo. Se todo sofrimento é fruto do pecado, como pode um homem justo sofrer? Evidentemente trata-se de um drama fictício, pois na vida real não existe ninguém totalmente justo. No drama poético sapiencial de Jó os seus "amigos" fazem o papel da teologia da retribuição pessoal querendo convencer o sofredor do seu suposto pecado. Jó, na sua revolta pela injustiça cometida por Deus e pela insistência dos representantes da teologia da retribuição, discute a capacidade humana de "explicar Deus" que é inexplicável. Então se conclui que a atitude correta diante do sofrimento humano não é "explicar" mas acolher solidariamente, consolar e estimular a partilha.

A leitura apresenta a conclusão, ou revelação de Deus, que, no Livro de Jó, se dá através de perguntas e não de respostas: "*Depois disto, o SENHOR, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó: Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento*" (Jó 38:1-4; Almeida)

O próprio Deus não explica porque Jó sofreu, mas o convida a olhar Sua obra, a contemplar a largura e o comprimento do Seu poder e amor. A sabedoria de Jó está em agir com humildade e amor diante de cada situação tanto de alegria quanto de tristeza. O sofrimento não deve tornar-se uma oportunidade de apontar para o pecado de ninguém, aumentando ainda mais sofrimento, mas deve ser oportunidade para a prática da empatia solidária, consolando e aliviando. (HMG)

2ª leitura (Epístola) - 2 Coríntios 5.14-21

O que teria levado o apóstolo a dizer que o poder que controla a sua vida e ministério é o amor de Cristo? Esta carta é polêmica. Os oponentes de Paulo o acusavam de não ter credenciais apostólicas. Ele não traz carta de recomendação da Igreja de Jerusalém (implícito no texto). Em 3.2-3 ele havia dito que sua carta é a própria comunidade (Igreja de Corinto), "vós sois a nossa carta pública lida e conhecida por todos, a qual é a carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério". Nos vs.11ss do cap. 5, o apóstolo é como quem está diante de Deus descoberto, sob julgamento e deseja estar descoberto diante dos coríntios. Nesse contexto, o que leva o apóstolo e a nós a viver, proclamar e exercer o ministério? O poder que controla a sua vida é o amor de Cristo demonstrado na sua doação em favor de todos, (Mc 10.45) que redundava na Reconciliação. É nesse Batismo que todos foram batizados, para que vivam a vida ressurreta de Cristo (Ro 6.3-4; 1Co 15.22).

Vs.17 - Por isso, se alguém está em Cristo é nova criatura. O verso 16 funciona como um parêntese. Mas é um parêntese muito importante. Não amamos o Cristo por interesses raciais, nacionais e outros. Essa afirmação põe em relevo a nova criação. O amor doador de Deus vivido em Cristo é a motivação cristã e humana para viver uma nova condição e relacionamento de vida. Esse poder que compele a Igreja a viver em serviço é demonstrado no fato de Deus reconciliar seus inimigos. Se Deus vem em busca das pessoas, então, isso é motivo de alegria e ação de graças. É isso que torna possível a travessia para outro lado, para outrem e acolher o estranho. Do ponto de vista humano é difícil e quase impossível, mas porque Deus nos reconcilia com Ele, a Igreja pode ser missionária. E diga-se de passagem que a Igreja não vive num mundo ideal e vive, sim, no poder do Espírito Santo, como sinal de antecipação e como tal vive, também, a tensão.

Então, a questão principal é a fonte de nossa motivação, o poder que nos compele e nos controla para a Missão. Na Oração Eucarística a Igreja ora: E para que jamais vivêssemos para nós mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou, enviou-nos o Espírito Santo ...(p.88, 2Co 5.15; Jo 12.24).

Vs. 18-20 - A missão neste texto não é apenas proclamar, mas ser uma comunidade embaixatriz da reconciliação de Deus. Para tanto é preciso que sua vida seja testemunho do ato reconciliador, isto é, que Deus reconciliou o mundo consigo mesmo, não levando em consideração as transgressões do mundo, mas tomando as conseqüências em si mesmo em Jesus Cristo, (vs.21). Tudo isso significa que a comunidade embaixatriz deve libertar das recriminações e retaliações verbais que passam ao largo do perdão e reconciliação. Em outras palavras, a reconciliação de Deus revelada em Cristo tem por objetivo redundar na acolhida mútua entre os membros da Igreja e a acolhida dos estranhos, diferentes e até inimigos por parte da comunidade embaixatriz. Também, a mensagem que ela proclama deve ser sempre temperada com a anterioridade da iniciativa da graça de Deus e de sua vitória na Cruz e na Ressurreição. Em outras palavras, a mudança na imagem que fazemos de Deus - de um "cobrador" constante das falhas humanas para libertador e reconciliador para a relação de confiança e amor e conseqüente imagem que fazemos das pessoas e do seu destino. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 4.35-41

Uma das metáforas mais surpreendentes e eficazes sobre a nossa vida é a do mar. Ele está sempre em agitação, sempre em movimento. Quando este movimento cessa é sinal de sua morte. As ondas estão sempre se lançando sobre a costa. O vento sempre sopra mais forte sobre ele. Impulsiona os barcos e cria as enormes vagas que assolam a terra. Assim como o mar é nossa vida. Às vezes está calma e suave. Às vezes sacudida por um enorme temporal. O texto do Evangelho de hoje nos faz ver que, quando estivermos em meio às tempestades da vida, devemos nos lembrar de que Cristo pode apaziguar a tempestade. Mas, para poder apaziguar a tempestade, Jesus nos lembra de pelo menos três verdades:

Em primeiro lugar, devemos lembrar que aquele que apazigua o mar estava com eles no barco (v. 38). Muitas vezes, em meio aos vagalhões da vida nos sentimos sós, abandonados pelos amigos, esquecidos pelos parentes e até mesmo pelos irmãos. Mas do texto de hoje emerge uma enorme e maravilhosa verdade: quando enfrentamos as tempestades da vida, Jesus sempre está ao nosso lado no barco. Sua postura e seu silêncio (ele estava dormindo) não significam descuido ou desafeto, pelo contrário, significam que ele sabia que nenhuma tempestade jamais seria capaz de fazer naufragar o barco quando Ele está a bordo. Devemos abrir nossos olhos e ver, que não estamos sós em nossos problemas. Deus está conosco.

Em segundo lugar, este texto nos faz lembrar que, aquele que apazigua o mar atua em nosso favor (v. 39). Quantas vezes, em meio aos maiores problemas, nos sentimos uma espécie de *show* para os que nos cercam? Eles vêm conversar, mas apenas para procurar saber os detalhes da dor. Há algo de mórbido nisso! O único interesse que os move é a curiosidade. Até quando, dizem, ele ou ela aguentará? Como ela é forte? Mas Jesus não age assim. Sua presença no barco não era para fazer algum tipo de "experimento cósmico" com algumas "cobaias". Ele estava lá porque sabia que lá ele seria útil, seria necessário. Jesus está ao nosso lado, no barco, e age em favor dos seus filhos. Que Deus é este, pergunta o salmista, que "age em favor dos que o amam?". Seu amor por nós também é uma realidade. Ele não é um espectador impassível de nosso sofrimento. Ele é o *Deus conosco*. Um Deus que nos ama e que age ao nosso favor.

Finalmente, este texto nos revela que aquele que apazigua o mar também instrui aos discípulos (v. 40). Quando a tempestade passa e nós nos achamos perplexos com a ação de Deus em nossa vida, ele passa a nos ensinar e a nos instruir. Nada do que nos ocorre foge aos propósitos de Deus. Há uma razão, um sentido. Não sabemos o porquê, mas podemos descansar na fé de que a história, e a nossa vida estão em suas mãos (JLFA)